

UM BELO PREFÁCIO DA LITURGIA BRACARENSE

A Liturgia de Braga conserva no seu Missal uma das mais belas composições eucológicas da Idade-Média, uma verdadeira obra-prima da espiritualidade medieva. Trata-se do prefácio da bênção das velas, no cerimonial do dia 2 de Fevereiro, festa da Purificação de Nossa Senhora.

Para compreendermos bem a origem histórica deste prefácio e situá-lo no contexto litúrgico do dia 2 de Fevereiro, importa distinguir nitidamente quatro problemas, nesta solenidade, — a Festa propriamente dita — a procissão — as velas — e a bênção das velas.

— A festa da Purificação é a primeira das quatro festas marianas introduzidas na Liturgia Romana, no decorrer do séc. VII, por influência bizantina: Purificação — 2 de Fevereiro; Anunciação — 25 de Março; Assunção — 15 de Agosto; Natividade — 8 de Setembro. Até ao séc. VII, a Liturgia Romana tinha uma única festa de Nossa Senhora, o dia 1 de Janeiro, oitava de Natal, dedicada a celebrar o mistério da sua maternidade divina ⁽¹⁾. Esta festa desaparece com a introdução das quatro festas orientais.

Do séc. VII ao séc. XI, Roma não conhecerá mais nenhuma outra festa de Nossa Senhora. E importa mesmo salientar que duas destas quatro festas eram primitivamente festas do Senhor, como nos indicam os títulos que trazem nos mais antigos documentos e os respectivos formulários litúrgicos — 2 de Fevereiro: *Ypapanti* (= encontro): Apresentação de Jesus Cristo no

(1) D. Bernard Botte, *La Première Fête Mariale de la Liturgie Romaine*, in *Ephemerides Liturgicae*, 1933, pp. 425-430.

Templo e seu Encontro com Simeão; — 25 de Março: *Adnuntiationis Domini* ⁽²⁾.

— Estas quatro festas foram dotadas de uma procissão a partir dos fins do séc. VII, por determinação do Papa Sérgio I (687-701), conforme nos diz o *Liber Pontificalis*, inteiramente digno de crédito neste período:

— *Constituit autem ut diebus Adnuntiationis Domini, Dormitionis et Nativitatis sanctae Dei Genitricis semperque Virginis Mariae, ac sancti Simeonis, quod Ypanti Graeci appellant, letania exeat a Sancto Hadriano et ad Sanctam Mariam populus occurrat* ⁽³⁾.

Como vemos, o trajecto desta procissão é igual para as quatro festas. O Papa reúne-se com o clero e o povo na igreja de St.º Adriano (antigo Senado de Roma) — igreja da *Colecta* — e de lá parte em procissão, cantando as ladainhas, para Santa Maria Maior, onde é celebrada a Missa.

Datará a procissão da festa do dia 2 de Fevereiro apenas desta altura?

A presente notícia do *Liber Pontificalis* parece dá-lo a entender claramente. No entanto, há certos indícios, em alguns dos mais antigos documentos da Liturgia Romana, que parecem pressupor uma origem mais antiga. Assim, o Sacramentário *Paduense* ⁽⁴⁾ que é o mais antigo documento da Liturgia Papal, ao lado do *Hadrianum* ⁽⁵⁾, — ambos derivam de um protótipo comum, desaparecido, — contém já na festa da Purificação a oração da *Colecta*, que o Papa canta em St.º Adriano, antes de partir para Santa Maria Maior, o que pressupõe evidentemente a procissão. O mesmo se dá com os mais antigos *Antifonários* ⁽⁶⁾. Todos prevêem antifonas para a procissão do dia 2 de Fevereiro, mas não ainda para as outras festas. Se estes factos estão correctamente interpretados, é legítimo concluir que a procissão do

(2) Sobre a história destas quatro festas, vid. A. Chavasse, *Le Sacramentaire Gélasten*, Desclée & Cie, 1958, p. 375 sqs.

(3) L. Duchèsne, *Le Liber Pontificalis. Texte, Introduction et Commentaires*, Paris, 1886-1892, tom. I, 376.

(4) K. Mohlberg, *Die älteste erreichbare Gestalt des Liber Sacramentorum anni circuli der römischen Kirche (Cód. Pad. D 47, fol. 11r-100r)*, Münster in Westfalen, 1927.

(5) H. Lietzmann, *Das Sacramentarium Gregorianum nach dem Aachener Urexemplar*, Münster in Westfalen, 1921.

(6) R. Hesbert, *Antiphonale Missarum Sextuplex*, Bruxelles, 1935.

dia 2 de Fevereiro é tão antiga como a própria festa, ou pelo menos mais antiga que a das outras (7). À luz desta interpretação, o Papa Sérgio I não teria feito mais do que estender às outras três festas a procissão existente já na festa da Purificação.

— Seria esta procissão já uma procissão de velas? Nenhum dos mais antigos documentos permite afirmá-lo. E não deixa de ser significativo que a clássica antífona *Lumen ad revelationem gentium*, evidentemente escolhida por causa do simbolismo da luz, se não encontre nos mais antigos antifonários.

O primeiro documento a descrever-nos com nitidez a procissão do dia 2 de Fevereiro e a falar-nos claramente das velas, é o *Ordo XX* e Andrieu, datado dos meados do séc. VIII:

— *Ipsa autem die, aurora ascendente, procedunt omnes de universas diaconias sive de titulis cum letania vel an(tiphona)s psallendo et cerea accensa portantes omnes in manibus per turmas suas et veniunt in ecclesia sancti Adriani martyris et expectant pontificem* (8).

Como vemos, o povo de Roma encaminha-se de manhã cedo, dos diversos quarteirões da cidade, para a igreja da *Colecta*, levando já as velas acesas. Entretanto, chega o Papa a St.º Adriano, vai à sacristia — *sacrario* (9) — paramenta-se, e aí mesmo faz uma distribuição de velas ao clero (10). Finda esta, dirige-se à igreja, canta a *colecta*, e inicia-se a procissão para Santa Maria Maior (11).

— E a bênção das velas?

Como acabámos de ver, em pleno séc. VIII, em Roma, nem tão pouco se fala ainda numa distribuição de velas aos fiéis, mas unicamente, e na sacristia, ao clero (12). Em nenhum documento romano há sombras duma bênção de velas. O génio da Liturgia Romana é inteiramente alheio a este género de bênçãos. Tais

(7) Sobre este problema, vid. A. Chavasse, op. c. pp. 388-390.

(8) M. Andrieu, *Les Ordines Romani du Haut Moyen Age*, Tom. III — Louvain, 1951 — *Ordo XX*, 1, p. 235.

(9) *Ordo XX*, 2.

(10) *Ordo XX*, 3.

(11) *Ordo XX*, 5-7.

(12) Dois manuscritos do *Ordo XV* falam duma distribuição de velas, feita pelo Papa, — *Ordo XV*, 79 — mas estes dois códices são já dos princípios do séc. IX. Cf. Andrieu, op. c. pp. 45, 48, 52, 113.

bênçãos são uma criação típica da cristandade medieval de além-Alpes. Se o Missal Romano prevê hoje um ritual completo de bênção das velas, no dia 2 de Fevereiro, isso não significa de modo nenhum que tais orações sejam de origem romana, mas muito simplesmente que Roma as aceitou mais tarde na sua Liturgia, por influências diversas, que não vem aqui a propósito lembrar.

Ainda no séc. IX, na França, não há vestígios destes formulários. O célebre liturgista Amalário (+850), por exemplo, ao falar do simbolismo da procissão desta festa, — à sua maneira, como de costume, — nada diz sobre a bênção das velas, sinal evidente de que esta não existia ainda ⁽¹³⁾.

As primeiras composições desta natureza aparecem-nos a partir do séc. X.

Desde essa altura, assistimos então a uma verdadeira floração de tais formulários eucológicos. O *Ordo L* ⁽¹⁴⁾ e o *Pontifical Romano-Germânico* ⁽¹⁵⁾ apresentam-nos já, em meados do séc. X, um ritual para o dia 2 de Fevereiro extremamente fornecido, — nada menos que oito orações e um prefácio. É a partir desta época que são compostas dezenas e dezenas destas orações. Os livros litúrgicos actuais conservam apenas uma selecção destes formulários, tendo os outros desaparecido com a uniformização da Liturgia. Para os conhecer e estudar, importa ir procurá-los nos manuscritos que nos restam da Idade-Média.

É neste contexto histórico-litúrgico que se situa o nosso prefácio. Para melhor realçar a sua beleza, vamos dar-lhe uma disposição gráfica, correspondente ao seu ritmo literário e litúrgico:

Vere dignum et iustum est... aeterne Deus:

*Fons et origo totius luminis,
qui mundum illuminasti lumine tuae claritatis,
mittendo nobis Unigenitum tuum
per uterum intemeratae Virginis Mariae.*

(13) I M. Hanssens, *Amalarii Episcopi Opera Liturgica Omnia*, Città del Vaticano, 1948, tom II, *Liber Officialis*, III, 43, p. 380.

(14) M. Andrieu, *Les Ordines Romani du Haut Moyen Age*, Tom. V — Louvain, 1961 — *Ordo L*, VIII, 10-17, pp. 92-96.

(15) C. Vogel — R. Elze, *Le Pontifical Romano-Germanique du 10.^{ème} siècle*, le Texte, 2 tom. Città del Vaticano, 1963, tom. II, pp. 6-10.

*Et quem longe ante promisisti
 Prophetarum oraculis venturum,
 temporibus novissimis ipsum misisti
 lucem populis sedentibus in tenebris
 et in regione umbrae mortis ambulantibus:
 et in ipso claritas et lux exorta est.*

*Te quoque precamur,
 ut has candelas, Nomini tuo praeparatas,
 tua benedictione digneris benedicere:
 qui nos transtulisti a potestate tenebrarum
 in lumen et regnum dilecti Filii tui,
 per quem exortum est in tenebris
 lumen rectis corde
 et gaudium salutis aeternae.*

*Et qui justum Simeonem fidei implesti expectatione,
 ut non prius videret mortem,
 quam Christum Domini videret carne indutum,
 totius mundi lumen et salutare:
 Ipse nos lumine tuae claritatis sic repleas,
 ut omnes infidelitatis tenebras a nobis expellas.*

*Et sicut servum tuum hodie dimisisti in pace,
 ita nos in pace sanctae tuae Ecclesiae digneris gubernare:
 ut portum aeternae quietis valeamus intrare,
 quatenus radiis verae lucis perfusi,
 ibi in die examinis laeti
 cum hymnidicis Angelorum choris
 valeamus videre faciem indefessi Solis.*

Qui tecum vivit... Amen.

Qual será a origem desta composição? Para podermos responder honestamente a esta pergunta, analisámos cerca de oitenta documentos com um ritual de bênção de velas para o dia 2 de Fevereiro, cinquenta dos quais manuscritos, procedentes dos mais variados horizontes litúrgicos, entre os séc. X-XIV. Como resultado deste inquérito, encontrámos este prefácio nos seguintes manuscritos:

- Albi**, Bib. Munic. ms. 3, fol. 14 — *Ritual da Catedral de Albi: séc. XII.*
 » » » » 9, fol. 53v — *Colectário e Ritual de Albi: séc. XII-*
-XIII.

- Braga.** Bib. Munic. ms. (sem cota) chamado o «*Missal de Mateus*», fol. 37: *primeira metade do séc. XII.*
- Paris.** Bib. Nac. ms. lat. 2295, fol. 19v. — *Sacramentário de Cahors* (?): *séc. XII.*
- » » » » » 823, fol. 235 — *Missal de Remiremont* (nordeste da França): *séc. XII.*
- » » » » » 2298, fol. 48 — *Missal de S. Gervais de Fos* (diocese de Arles): *séc. XII-XIII.*
- » » » » » nouv. acq. 2194, fol. 63v. — *Missal de Silos: princípios do séc. XIII.*
- » » » » » 934, fol. 127 — *Pontifical de Sens: meados ou fim do séc. XIII.*
- » » » » » 949, fol. 7 — *Pontifical de Aix-en-Provence: princípios do séc. XIV.*
- » » » » » 1220, fol. 93v — *Pontifical de Arles: primeira metade do séc. XIV.*
- » » » » » 837, fol. 191v. — *Pontifical de Toulouse: segunda metade do séc. XIV.*
- » » » » » 871, fol. 201v. — *Missal de Bordeus: séc. XV.*
- Porto.** Bib. Munic. ms. 1134, fol. 1v. — *Pontifical de Braga: segunda metade do séc. XII.*
- » » » » » 843, fol. 61. — *Breviário-Missal de Santa Cruz de Coimbra: séc. XII-XIII.*
- » » » » » 858, fol. 26v. — *Ritual e Processional de Santa Cruz de Coimbra: fim do séc. XII — séc. XIII.*
- Reims.** Bib. Munic. ms. 305, fol. 60 — *Collectário e Ritual do Norte da França: séc. X-XI.*

Além destes manuscritos, que pessoalmente examinámos, o prefácio *Fons et origo*, encontra-se ainda nos seguintes documentos:

- *Sacramentário de Carcassona*, dos princípios do séc. XII⁽¹⁶⁾;
 — *Ritual de Reinau*, dos princípios do séc. XII⁽¹⁷⁾;

(16) A. Martimort, *Un Sacramentaire de la Région de Carcassonne des environs de l'Année 1100*, in *Mélanges en l'Honneur de Monseigneur Michel Andrieu*, Strasbourg, 1956, pp. 305-326.

(17) G. Hürlimann, *Das Rheinauer Rituale*, Universitätsverlag Freiburg Schweiz, 1959, p. 109, 23.

- *Códice de uma igreja de Narbona*, do séc. XII ⁽¹⁸⁾;
- *Ritual de Wessobrunn (Alemanha)*, do séc. XII ⁽¹⁹⁾;
- *Liturgia de Salisbury* — Missal, séc. XIII ⁽²⁰⁾ e Ritual, séc. XVI ⁽²¹⁾.

Um simples olhar para estes documentos, permite-nos chegar sem dificuldade a uma primeira conclusão. Este prefácio é de origem francesa, pois são franceses os mais antigos e mais numerosos documentos, onde ele se encontra ⁽²²⁾. Poderemos nós precisar ainda mais? O primeiro documento em que ele nos aparece é o *ms. Reims 305* ⁽²³⁾. Este manuscrito foi incontestavelmente utilizado no Norte da França, pois o respectivo calendário aí nos conduz. Mas o facto de um manuscrito ter sido utilizado numa determinada igreja ou região, não significa necessariamente que aí tivesse sido copiado. É o caso típico, por exemplo, dos manuscritos mais antigos de Braga, a que nos referiremos mais abaixo. Ora, justamente, o *ms. Reims 305*, parece ser originário do Sul da França, pois uma análise interna do seu ritual de Baptismo permitiu-nos verificar que aí se encontram alguns dos aspectos mais típicos da Liturgia desta região. Como quer que seja, foi no Sul da França que este prefácio encontrou o seu terreno de eleição, pois a maior parte dos documentos citados pertencem a esta região litúrgica, que mantém uma personalidade própria no conjunto das outras liturgias da Idade-Média.

Um outro problema resta ainda resolver: como entrou este prefácio na Liturgia de Braga?

Os mais antigos manuscritos de Braga, que possuímos hoje, são dois:

— O *Missal de Mateus*, *ms.* da Bib. Pública Distrital de Braga (sem cota), da primeira metade do séc. XII;

(18) E. Martène, *De Antiquis Ecclesiae Ritibus*, Lib. IV, Cap. XV, Ordo II.

(19) A. Franz, *Die Kirchlichen Benedictionen des Mittelalters*, Akademische Druck- u. Verlagsanstalt, Graz, Austria, 1960, tom. I, p. 451.

(20) J. Wikham Legg, *The Sarum Missal, Edited from three early manuscripts*, Clarendon Press, Oxford, 1916, p. 248.

(21) A. Jefferies Collins, *Manuale ad usum Percelebris Ecclesie Salisburiensis*, Henry Bradshaw Society, London, 1960, p. 8.

(22) Franz é do mesmo parecer, — cf. op. c. pag. 454 — e a sua conclusão reveste-se de grande interesse, porque é o resultado duma investigação sistemática entre os manuscritos alemães.

(23) Sobre este manuscrito, vid. P. M. GY, *Collectaire, Rituel, Processional*, in *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, XLIV (1960) pp. 452, 455.

— e o *Pontifical de Braga*, ms. 1134 da Bib. Pública Municipal do Porto, da segunda metade do séc. XII.

Uma análise litúrgica interna destes dois manuscritos esclarece-nos sem dificuldade sobre a sua origem. A natureza das suas particularidades litúrgicas indica-nos sem sombra de dúvida a região litúrgica do Sul da França constituída pelas antigas províncias da Norbona e Aquitânea, e caracterizada pela influência e vestígios das antigas liturgias galicana e mozarabe. E se nós pensarmos que o grande reformador da Liturgia de Braga nos fins do séc. XI foi S. Geraldo, antigo monge de Moissac, a explicação histórica dos contactos de Braga com esta zona litúrgica fica perfeitamente esclarecida.

A título de ilustração, vamos apresentar um exemplo que explica à evidência as relações de contacto, — e naturalmente de dependência, — da Liturgia de Braga com a região litúrgica a que nos referimos. Trata-se justamente do ritual do dia 2 de Fevereiro do *Missal de Mateus*. O ms. lat. 2293 da Bib. Nacional de Paris, que vamos confrontar, é um sacramentário do séc. XI, certamente copiado em Figeac e utilizado a seguir em Moissac⁽²⁴⁾.

PARIS

BRAGA

Bib. Nac. ms. lat. 2293, fol. 34 v.

Bib. Dist. «Missal de Mateus», fol. 37r.

*Deus ineffabilis potentiae, cuius
Unigenitus cum nostra humanitate
... cum ipso gaudentes.*

*Deus ineffabilis potentiae, cuius
Unigenitus cum nostra humanitate
... cum ipso gaudentes.*

*Domine, sancte Pater, omnip. aet.
Deus, benedicere et sanctificare di-
gneris
... ad te valeant pervenire.*

*Domine, sancte Pater, omnip. aet.
Deus, benedicere et sanctificare di-
gneris
... ad te valeant pervenire.*

*Domine Deus omnipotens Pater,
exaudi nos, lumen indeficiens, tu
sancte
... pervenire mereamur.*

(24) Sobre este manuscrito, vid. V. LEROQUAIS, *Les Sacramentaires et les Missels Manuscrits des Bibliothèques Publiques de France*, Paris, 1924, Tom. I, pp. 100-103.

*Domine, sancte Pater, omnip. aet.
Deus, benedicere et sanctificare
digneris,
... provenire concede.*

*Domine, sancte Pater, omnip. aet.
Deus, benedicere et sanctificare di-
gneris
... provenire concede.*

*V. D. Fons et origo totius luminis,
qui mundum illuminasti
... indefessi solis.*

*Antiph. Venite et ascendite apta-
tae lampades vestras ...*

*Antiph. Venite et accendite apta-
tae lampades vestras ...*

Uma relação de dependência entre estes dois rituais é mais que evidente. Não ousaremos afirmar uma dependência directa dos dois manuscritos, pois não temos razões que justifiquem tal conclusão. Mas podemos seguramente afirmar que o *Missal de Mateus* reproduz um ritual que circulava na região litúrgica do *Sacramentário de Figeac-Moissac*. Os dois rituais são na verdade inteiramente semelhantes. Houve apenas a substituição da oração *Domine ... lumen indeficiens...* pelo prefácio *Fons et origo ...*, retoque que facilmente se explica. Aquela oração é um velho formulário, que já nos aparece em vários documentos do séc. VIII-IX, para a bênção do lume novo, em Sábado Santo⁽²⁵⁾, donde passou para o dia 2 de Fevereiro. A sua substituição dá-se na altura em que o prefácio *Fons et origo ...* começa a espalhar-se, no séc. XII, o que denota um certo esforço de *modernização* do *Missal de Mateus*, fenómeno que se pode observar em vários outros aspectos, como por exemplo, em certas fórmulas do ritual de Baptismo. A semelhança entre estes dois manuscritos é tanto mais elucidativa, quanto é sabido que há uma variedade imensa, não só de formulários destinados ao mesmo fim, como ainda da escolha e da coordenação dos diversos formulários que constituem um ritual completo. Tal afinidade não pode realmente explicar-se a não ser por uma fonte comum.

Antes dum breve comentário sobre a beleza litúrgica deste prefácio, parece-nos de interesse igualmente observar que o texto acima reproduzido é aquele que se encontra hoje no *Missal de*

(25) Por exemplo: A. Dold — L. Eizenhöfer, *Das Prager Sacramentar*, II (Prolegomena und Textausgabe), Beuron, 1949, 96.1, p. 57; M. J. Metzger, *Zwei Karolinische Pontifikalien vom Oberrhein*, Freiburg im Breisgau, 1914, 242, p. 73.

Braga ⁽²⁶⁾. Não nos pareceu oportuno dar aqui o respectivo aparato crítico, de harmonia com as mais antigas fontes. Mas não deixaremos de salientar que o texto actual de Braga oferece algumas variantes em relação às fontes primitivas, que lhe toldam por vezes um pouco a limpidez original.

Quanto à sua beleza espiritual e litúrgica, diremos apenas que esta ressalta de duas qualidades fundamentais. A primeira é a sua inspiração bíblica. Este prefácio é um hino repleto de passagens e de reminiscências bíblicas, perfeitamente adequadas ao sentido da festa do dia 2 de Fevereiro. Ora, a inspiração bíblica é uma característica essencial de toda a eucologia cristã e de toda a himnologia litúrgica. É nisto que está a superioridade da himnologia oriental, e particularmente bizantina, em confronto com a himnologia ocidental, verdadeiramente pobre. Daí a qualidade desta composição, ao lado de tantas outras da mesma natureza, decididamente medíocres.

A outra qualidade fundamental deste prefácio é a harmonia e delicadeza como desenvolve o simbolismo da luz e das trevas, que é também um tema bíblico e tradicional. Ele não é mais do que um comentário lírico desta ideia central do Evangelho de S. João: Jesus Cristo é a luz do mundo.

JOAQUIM O. BRAGANÇA

(26) *Missale Bracarense*, Romae, Typis Polyglotis Vaticanis, MDCCCXXIV, p. 506.